

O TEXTO EM PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL: UMA ANÁLISE DA COESÃO REFERENCIAL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Jônatas Nascimento de BRITO¹

RESUMO: O trabalho observa que os fundamentos da linguística sistêmico-funcional de Halliday aprimoram a consciência metalinguística dos estudantes, uma vez que esta corrente teórica pauta a função dos elementos linguísticos e o seu efeito na construção do sentido total do texto. A investigação do recurso de coesão referencial em textos escolares, por meio da análise linguística, potencializa os processos de reflexão sobre o funcionamento da língua em suas unidades de uso.

PALAVRAS-CHAVE: Coesão referencial; Análise linguística; Funcionalismo

1. Introdução

No âmbito dos estudos linguísticos, tem-se consolidado um número significativo de pesquisas que apontam que o texto é a unidade básica significativa e necessária para que a prática pedagógica dos professores de língua portuguesa partam de situações reais de comunicação. O texto constitui-se como uma entidade comunicativa e portadora de sentido, o que significa a existência de fatores de textualidade responsáveis pela produção do seu sentido.

Este trabalho, portanto, analisa a coesão referencial como recurso semântico e linguístico responsável pela remissão entre os elementos da estrutura textual e pela relação de sentido entre os enunciados ou partes de enunciados de um mesmo texto, cuja tessitura textual é construída pelo encadeamento linguístico e pela organização semântica de seus enunciados.

¹ Graduado em Letras/Português pelo Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da UNEB, Campus XVI/Irecê, Bahia, Brasil. Este trabalho é resultado de ações do subprojeto interdisciplinar do PIBID sob a orientação da Profa. Me. Dayane Moreira Lemos. E-mail: jonasb.estudos@outlook.com.

Com o objetivo de potencializar os processos de investigação e reflexão sobre o funcionamento da linguagem no âmbito da estrutura do texto, esta proposta de trabalho se insere no contexto da educação básica e desenvolve uma intervenção pedagógica com estudantes do ensino médio, pois percebe que ainda existe nas aulas de língua portuguesa a velha noção de texto como amontoado de frases em que se corrigem apenas os tópicos de gramática normativa.

Com esse exercício, a pesquisa busca ampliar a consciência metalinguística de alunos e professores, mostrando-lhes que as ideias abordadas nos textos devem estabelecer uma relação lógica de sentido em que a progressão e a continuidade são sustentadas pelos recursos de referenciação e remissão entre os elementos textuais.

Toma-se como base para investigação dos textos a proposta metodológica de análise linguística sugerida por Geraldi (2006), em que o estudo do texto leva em conta não apenas a estrutura gramatical e as condições normativas de correção textual, mas, principalmente, os elementos responsáveis pelo sentido, tais como a coesão e a coerência. Além disso, as etapas de observação do processo de leitura, escrita e reescrita textuais basearam-se nos fundamentos teóricos da corrente funcionalista de Halliday, na tentativa de refletir sobre as operações linguísticas que constituíram os textos em análise. Nesse sentido, busca-se analisar a língua situada em um contexto, pois entende-se que a estrutura linguística é insuficiente por si e precisa estar em situação de comunicação para ser entendida e estudada.

Dessa forma, a presente pesquisa assume o seguinte percurso investigativo: inicialmente, trata o texto como instrumento basilar para verificação do funcionamento da linguagem na realização de suas formas linguísticas. Para tanto, aborda o estudo do texto e a corrente funcionalista da linguagem, tomando por base a linguística sistêmico-funcional de Halliday, que define o sistema linguístico como uma estrutura funcional responsável pela comunicação e interação humana. Em seguida, a investigação explora o contexto escolar e analisa textos de estudantes, observando a coesão referencial e aplicando, por meio da análise linguística, a reescrita textual,

considerando a função das formas linguísticas na estruturação do texto.

As intervenções e abordagens do presente estudo foram desenvolvidas em sala de aula com a participação de bolsistas de iniciação à docência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com estudantes do terceiro ano do ensino médio de uma escola estadual, na cidade de Irecê, centro-norte da Bahia. Essa parceria estabelecida entre licenciandos bolsistas de iniciação à docência e professores de língua portuguesa da educação básica ampliou as possibilidades de acerto e de superação de problemas, tendo em vista que a interação entre esses pares contribuiu tanto para a construção teórica das intervenções (pautadas na concepção de língua como instrumento de interação humana e de texto como unidade básica de comunicação), quanto para a aplicação da proposta de ensino e para o desenvolvimento de estratégias didático-pedagógicas significativas.

2. O funcionalismo de Halliday e o estudo do texto

O aperfeiçoamento no âmbito dos estudos linguísticos possibilitou o aparecimento de correntes teóricas preocupadas com a investigação linguística no interior de textos. Tal empreendimento contribuiu de modo significativo para que as instituições de ensino básico incorporassem em suas práticas pedagógicas as descobertas e inovações da linguística aplicada ao texto e seus processos de constituição.

O linguista britânico Michael A. K. Halliday aparece como importante referência para o estudo do texto em sala de aula. Ao formular a sua gramática funcional, Halliday propõe que a língua seja entendida como um instrumento de interação verbal que apresenta em sua base uma estrutura sistêmica que desempenha propósitos funcionais. Nesse sentido, para a Linguística sistêmico-funcional de Halliday, a língua não pode ser encarada como uma entidade suficiente por si mesma, mas em cooperação com os fatores que constituem a 'cena' comunicativa. Está posto ainda por Halliday que

é necessário que a investigação sobre a língua esteja orientada pela reflexão sobre a função que as formas linguísticas desempenham no texto. Nas palavras de Neves (DILLINGER apud. NEVES, 1997a, p. 40), uma gramática funcionalmente orientada se “[...] preocupa com as relações (ou funções) entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social, e não tanto com as características internas da língua; frisam assim, a importância do papel do contexto”.

Halliday faz parte de um conjunto de linguistas que encontram respaldo no denominado funcionalismo moderado, que propõe uma análise funcionalista da estrutura, diferenciando-se do funcionalismo conservador que “apenas aponta a inadequação do formalismo ou do estruturalismo, sem propor uma análise da estrutura” (NEVES, 1997a, p. 55), bem como do funcionalismo extremado que “nega a realidade da estrutura como estrutura, e considera que as regras se baseiam internamente na função, não havendo, pois, restrições sintáticas.” (NEVES, 1997a, p. 55). Assim, o funcionalismo moderado sugere que existe uma estrutura formal da língua que precisa ser analisada funcionalmente. Não há, portanto, exclusão de um dos polos (formalista e funcionalista). O que existe é uma interdependência entre esses polos que permeiam a atividade comunicativa e textual.

Halliday (1974) assinala que existe no plano de funcionamento da linguagem uma base organizadora que modela as escolhas significativas dentro do uso da língua. Essa base está fincada no processo de descrição da forma linguística em que são desenvolvidos os planos gramatical e lexical. O plano da gramática está assentado nas ocorrências de escolha em que o número de possibilidades é pequeno, como nos casos quando se tem de escolher entre um pronome e outro, entre um tempo verbal e outro. Isso indica um plano mais fechado em relação às possibilidades de escolha. Por outro lado, o plano do léxico estrutura-se na amplitude da seleção no exercício de escolha, quer dizer, na organização de determinada oração, as possibilidades de vocábulos que podem ocupar lugar na sentença são mais abertas. Pode-se, por exemplo, optar entre os

vocábulo “cadeira”, “canapé”, “banco”, “tamborete”, quando se quiser tratar de lugares de assento. A esse campo mais aberto de escolhas, Halliday chama conjunto e ao campo fechado chama sistema, compreendendo que “o sistema fechado caracteriza a gramática e conjunto aberto o léxico” (HALLIDAY, 1974, p. 40).

Na abordagem funcionalista, o texto é o objeto que serve de base para investigação e análise do funcionamento da língua. Em Halliday tem-se que a estrutura textual funciona como espaço de uma rede de sistemas e um conjunto de estruturas em que cada unidade linguística desempenha importante função. De acordo com Neves:

Cada elemento, numa língua, é explicado por referência à sua função no sistema linguístico total. A estrutura de cada unidade é uma configuração orgânica de modo tal que cada parte tem uma função distintiva em relação ao todo; e algumas unidades podem formar complexos, formar sequências que trabalham, formando uma parte una (Halliday, 2004: 21). Cada uma das partes é interpretada como funcional em relação ao todo, mas a unidade maior de funcionamento é o texto. À gramática cabe não apenas relacionar porção a porção, mas ainda isolar as variáveis e suas possíveis combinações para chegar às funções semânticas (NEVES, 2016a, p. 96).

Nessa perspectiva, a investigação linguística passa a ser mediada por uma organização textual em que seus elementos constituintes apresentam funções e relações entre si. Cada unidade linguística é vista como significativa para com o todo, ou seja, o texto, que é essa entidade comunicativa que permite o funcionamento da língua, caracteriza-se “como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sócio-comunicativa, semântica e formal” (VAL, 1999, p. 3).

Halliday oferece uma base para a descrição linguística que se realiza a partir das funções da linguagem, o que anuncia a construção de uma rede sistêmica pautada na teoria das metafunções da linguagem (NEVES, 1997a). Essa afirmação indica um quadro em que a codificação da experiência de mundo, dada com a especificação “dos papéis dos elementos da oração como ‘ator’ e ‘meta’” (p. 60),

realiza-se com o sistema de *transitividade* em ligação à função ideacional; a definição dos papéis de fala, em que se especificam “funções como ‘sujeito’, ‘predicador’, ‘complemento’, ‘finitude’” (p.61) passa pelo sistema de *modo (modalidade)* e pela função interpessoal; a especificação das “relações dentro do próprio enunciado e a situação, dizem respeito à função linguisticamente intrínseca, a função textual” (p. 61), a qual está ligada aos sistemas de tema e informação. Esse conjunto de redes sistêmicas ligadas às funções da linguagem pode se observar no *Quadro 1*.

SISTEMA ↔ FUNÇÃO		ESPECIFICAM:	CODIFICAM:
Transitividade	Ideacional	Papéis (ator, meta, etc.)	Representação do mundo
Modo (modalidade)	Interpessoal	Funções (sujeito, complemento, etc.)	Troca
Tema (informação)	Textual	Relações (dentro do enunciado; entre enunciado e situação)	Mensagem

Fonte: Neves (1997a, p. 61)

Quadro 1 – Redes sistêmicas e a codificação do significado nas metafunções da linguagem.

É possível tratar da gramática funcional de Halliday como uma teoria diretamente implicada com os efeitos do uso da língua, os quais evidenciam as funções a que serve a linguagem. A ideia postulada pelo sistema em ligação com a função (cf. Quadro 1) indica os elementos constituintes da rede de significados que se faz pelo uso da linguagem:

- I. a representação do mundo integra as percepções cognitivas do falante da construção de significados na base do sistema da língua;
- II. a troca exige a presença e a participação dos atores sociais no processo de uso; e,

- III. a mensagem é o instrumento regulador das operações ancoradas no sistema de representação do mundo e no exercício de troca.

Numa perspectiva diretamente implicada com a construção de significados pela interação estabelecida com o uso da linguagem, a abordagem da Linguística Sistêmico-Funcional adota uma concepção de língua pautada nas relações sociais que são construídas na atividade de uso da estrutura da língua, em que a organização da linguagem envolve um conjunto de sistemas integrados para a produção dos significados. Os sistemas apresentam uma base semântica que opera com os significados, além disso, faz parte da sua constituição o sistema léxico-gramática, com as estruturas gramaticais e lexicais; fonologia e grafologia, que respondem pela sonoridade e pela grafia. A integração desses sistemas é marcada pelo contexto (FUZER; CABRAL, 2014).

Nesse sentido, faz-se necessário traçar a diferença existente entre sistema e estrutura. Segundo Fuzer & Cabral (2014), a estrutura liga-se ao plano sintagmático, que estabelece o ordenamento padronizado e regular dos recursos da língua. O sistema, de natureza paradigmática, aproxima-se da ideia de escolha, em que se observam as possibilidades de uso para o alcance de sentido desejado na comunicação.

Fica então posto que a materialização do sistema com fins interativos é observada na construção de textos. Isso significa que a rede de sistemas é responsável por viabilizar o cumprimento das demandas sociais que se instanciam no plano da organização linguística. Nesse sentido, a elaboração de textos vai sempre supor a existência de propósitos comunicativos que são alcançados pelas funções desempenhadas pela linguagem na atividade de uso. A essas funções, Halliday chama de metafunções, que, na leitura de Fuzer & Cabral (2014, p. 32) “são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual)”.

3. A coesão referencial em perspectiva funcional: abordagens para o ensino de língua

A noção de coesão referencial tem se caracterizado como um importante conceito no âmbito de abordagens interessadas em desvendar os processos de construção de elos textuais e semânticos que se realizam através da materialização linguística dos textos usados pelos interlocutores em suas atividades de interação. Nesse sentido, cada elemento da língua que é tomado para construir o encadeamento linguístico, semântico e pragmático do texto opera também na construção de objetos de discurso, o que resulta no recurso da coesão referencial como sendo um processo de elaboração textual cuja natureza é interativa.

Halliday & Hasan (1976) apresentam o conceito de coesão como um conceito semântico, que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como texto, conforme assinalam Vilela & Koch (2001, p. 464). Para Halliday & Hasan, “a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da do outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro” (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 4 *apud* VILELA; KOCH, 2001, p. 465). A noção de coesão defendida por Halliday & Hasan estabelece que a natureza semântica da coesão é realizada pelos componentes do sistema léxico-gramatical e sua verificação se dá no plano linguístico do texto. Para esses autores existem alguns fatores definidores da coesão e os principais são a *referência*, a *substituição*, a *elipse*, a *conjunção* e a *coesão lexical*, tratados mais adiante (VILELA; KOCH, 2001).

Para Koch (2004), a coesão é o fenômeno responsável pela tessitura do texto. Isso significa que é a partir desse recurso que se constrói a base linguística do texto e a sua veiculação de significados. Como recurso observado na base do texto, a coesão, de acordo com Koch (2004, p. 17) distingue-se da coerência, que é “responsável pela continuidade dos sentidos no texto” e apresenta-se como “resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e

interacional”. Enquanto isso, “o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual” (KOCH, 2004, p. 18).

Antunes (2005), por sua vez, afirma que a coesão promove a continuidade do texto por meio da sequência interligada de suas partes, garantindo, assim, a construção de um fio de unidade que assegura a interpretabilidade textual. Segundo a autora, “tudo vem em cadeia, *encadeado*, umas partes ligadas às outras, de maneira que nada fica solto e um segmento dá continuidade ao outro. O que é dito em um ponto se liga ao que é dito noutro ponto, anteriormente e subsequentemente” (ANTUNES, 2005, p. 46).

É nesse sentido que Antunes faz menção à metáfora do “laço” usada por Halliday & Hasan (1976), para tratar do texto como conjunto de unidades amarradas linguisticamente e semanticamente. Para a autora, as relações travadas no plano da superfície textual afetam também as relações conceituais e os valores semânticos subjacentes à elaboração textual. Ao considerar a ideia de continuidade, Antunes (2005, p. 50) também destaca que esta “é providenciada no percurso do texto, fundamentalmente, pelas relações semânticas que se vão estabelecendo entre os vários segmentos. Não é, portanto, uma questão apenas da superfície”. Nesse sentido, “os termos vão se ligando em sequência exatamente porque se vão relacionando conceitualmente”. É, pois, pelas relações de reiteração, associação e conexão que a continuidade é mantida no texto (ANTUNES, 2005).

O fazer da coesão é detalhado por Antunes (2005) em quadro demonstrativo das relações textuais que se estabelecem por meio de certos procedimentos, os quais operam no uso dos recursos da língua. Conforme a autora, a relação textual de reiteração refere-se ao processo de retomada dos elementos do texto, responsável pela criação de um movimento de *volta aos segmentos prévios*. A reiteração utiliza-se da repetição e da substituição e se realiza através dos recursos de paráfrase (para dizer com outras palavras o que já foi dito anteriormente), paralelismo (para “coordenação de segmentos que apresentam valores sintáticos idênticos”) e repetição (para trazer de

volta algum elemento do texto anteriormente dado). No plano da substituição, a reiteração se realiza por meio dos recursos de substituição gramatical (para assegurar a cadeia referencial), de substituição lexical (para promover a ligação entre os segmentos textuais) e de elipse (para omissão de elementos já apresentados no texto).

A relação textual estabelecida pela associação realiza-se por meio da seleção lexical, que opera com a seleção de palavras semanticamente próximas. De acordo com Antunes (2005, p. 125), “o procedimento de associação semântica entre palavras constitui, mais propriamente, a chamada coesão lexical do texto, pois atinge as relações semânticas (relações de significado) que se criam entre unidades do léxico (substantivos, adjetivos e verbos, sobretudo)” . Nesse sentido, as relações de sentido são construídas por antônimos e diferentes modos de relações de parte/todo (ANTUNES, 2005, p. 51).

Por último, a relação textual de conexão “opera pelo uso dos conectores, o qual desempenha a função de promover a *sequencialização de diferentes porções do texto*” (ANTUNES, 2005, p. 140). A sequencialização textual promove o encadeamento das porções do texto e opera no plano das organizações sintáticas do texto. “A conexão se efetua por meio de *conjunções, preposições e locuções conjuntivas e preposicionais*, bem como por meio de alguns *advérbios e locuções adverbiais*” (ANTUNES, 2005, p. 140). A propriedade da coesão do texto, seus procedimentos e recursos são assim representados por Antunes na figura abaixo:

A COESÃO DO TEXTO	Relações textuais (Campo 1)	Procedimentos (Campo 2)	Recursos (Campo 3)		
	1. REITERAÇÃO	1.1. Repetição	1.1.1. Paráfrase		
			1.1.2. Paralelismo		
			1.1.3. Repetição propriamente dita	<ul style="list-style-type: none"> - de unidades do léxico - de unidades da gramática 	
1.2. Substituição		1.2.1. Substituição gramatical	Retomada ¹ por: <ul style="list-style-type: none"> - pronomes - dverbios 		
		1.2.2. Substituição lexical	retomada por: <ul style="list-style-type: none"> - sinónimos - hiperónimos - caracterizados por situações 		
		1.2.3. Elipse	retomada <ul style="list-style-type: none"> - elipse 		
2. ASSOCIAÇÃO	2.1. Seleção lexical	Seleção de palavras semanticamente próximas	<ul style="list-style-type: none"> - por antónimos - por diferentes modos de relações de parte/todo 		
3. CONEXÃO	3.1. Estabelecimento de relações sintáctico-semânticas entre termos, orações, períodos parágrafos e blocos supraparágraficos	Uso de diferentes conectores	<ul style="list-style-type: none"> - preposições - conjunções - advérbios - e respectivas locuções 		

Fonte: Antunes (2005, p. 51).

Figura 1 - A propriedade da coesão do texto: relações, procedimentos e recursos

Inspirada em Halliday & Hasan (1976), Koch (2004, p.18) apresenta os cinco mecanismos de coesão responsáveis pela sequencialização do texto e continuidade dos sentidos: “referência (pessoal, demonstrativa, comparativa); substituição (nominal, verbal, frasal); elipse (nominal, verbal, frasal); conjunção (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa); coesão lexical (repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos, colocação)”. No texto, esses elementos se constroem numa relação de interdependência, o que exige uma interpretação voltada para todos os recursos usados na tessitura do texto e na amarração dos sentidos.

Antes de iniciarmos as análises textuais realizadas em sala de aula, é conveniente fornecermos mais informações sobre as estratégias metodológicas adotadas para realização desta pesquisa. Tratamos disso na subseção a seguir.

3.1 Metodologia e Contextualização da pesquisa

O material para análise foi recolhido durante a vigência do subprojeto interdisciplinar do PIBID/Linguística e Prática Pedagógica: o Plano Interdisciplinar na Potencialização do Trabalho Linguístico na Educação Básica, da UNEB/Irecê, o qual desenvolveu MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 18, n. 1, p. 480-501

suas atividades em parceria com duas escolas estaduais, da cidade de Irecê/BA, no período de 2014 a 2017. Os envolvidos nesse subprojeto eram professores universitários da UNEB, docentes de língua portuguesa da Educação Básica, alunos dos cursos de Letras e de Pedagogia, entre os quais, o autor deste trabalho, e os estudantes do ensino médio das escolas parceiras. Esse conjunto de sujeitos era dividido em quatro subgrupos, contendo cada um cinco bolsistas de iniciação à docência e uma professora supervisora da Educação Básica, o que totalizava 20 (vinte) bolsistas de iniciação à docência e 04 (quatro) professoras de supervisão. O grupo no qual atuou o autor deste trabalho desenvolveu suas atividades no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães com estudantes da 1^a à 3^a série do ensino médio.

Considerando o contexto em que a pesquisa ocorre, é importante esclarecer que os textos coletados para análise surgiram a partir de intervenções pedagógicas desenvolvidas no âmbito do subprojeto já apresentado. Partindo dos objetivos previstos para o ensino de língua portuguesa na referida escola, o bolsista de iniciação à docência, autor desta pesquisa, desenvolveu práticas de ensino de língua orientadas pelos princípios teóricos que norteiam a produção deste trabalho. Na parte das intervenções propostas pelo bolsista havia também momentos de elaboração e planejamento de outras ações teóricas e metodológicas que eram aplicadas com a participação de todo o subgrupo, pois, como preconiza o texto do subprojeto que orienta as ações, era necessária a criação de estratégias didático-pedagógicas com vistas à incorporação das bases da linguística nas reflexões sobre a língua no ensino básico.

As intervenções elaboradas buscavam, desde o seu início, fortalecer o trabalho com o texto e com gêneros textuais. Nesse sentido, as aulas eram pensadas com a intenção de possibilitar o estudo da língua por meio da produção textual dos estudantes envolvidos. Para isso, as aulas sempre tematizavam algum aspecto da vida social com relevância no âmbito nacional e internacional. Essas temáticas envolviam assuntos referentes à opinião sobre política, meio ambiente, saúde pública, segurança, mobilidade urbana, e eram levadas para sala de aula por meio de documentários, reportagens,

artigos de opinião e demais textos presentes nas mídias sociais. Por meio de aulas participativas, os alunos eram incentivados a construir um debate sobre essas pautas em sala de aula, o que acabava contribuindo para o surgimento de manifestações distintas e divergentes, porém fundamentadas em pontos de vista, visões de mundo, juízos de valor que orientam as concepções que se criam no espaço de convivência democrática.

Dadas as situações geradoras dos textos, os estudantes eram orientados a produzir e organizar o seu discurso em determinado gênero textual. Entre os gêneros, apareceram produções de carta aberta, carta ao leitor, resenha e o texto dissertativo-argumentativo.

A partir dessa fase, foram então selecionados dois gêneros textuais para investigação e análise do recurso de coesão referencial, a saber, resenha e texto dissertativo-argumentativo. A justificativa por essa escolha se dá, primeiramente, pelo caráter argumentativo desses textos, o que viabiliza a observação e análise dos processos de referenciação, e pela sua natureza inteiramente discursiva, o que exige apropriação dos recursos da língua para caracterização de objetos-de-discurso, veiculadores das marcas opinativas e valorativas daqueles que recorrem a esses textos. Na próxima subseção, apresentamos alguns resultados de análise.

3.2 Análise e discussão de dados: a coesão referencial em textos escolares

O texto a seguir foi elaborado por um estudante durante as intervenções pedagógicas desenvolvidas na construção desta pesquisa.

Texto 1: O uso do celular na sala de aula

As novas tecnologias trouxeram diversos desafios para os professores, e o principal deles é, certamente, a forma de lidar com o quase inevitável uso de smartphones em sala de aula. O poder de interatividade e engajamento dos aplicativos e funcionalidades

dos celulares inteligentes fazem com que os professores se sintam impotentes para competir com os recursos tecnológicos.

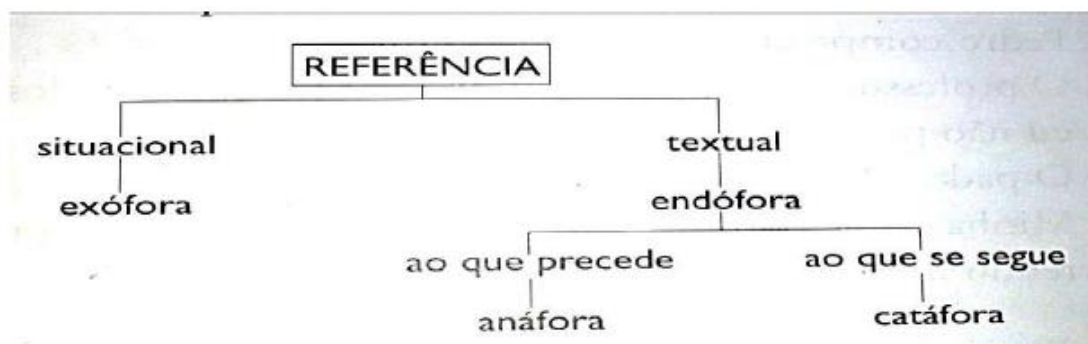
Neste sentido, a primeira iniciativa é sempre a de proibir os aparelhos no ambiente escolar, fato que gera desconforto entre os estudantes que estão muito acostumados [com] a conectividade. O tema vem sendo tratado com restrição na maior parte das escolas e prevalece a dúvida sobre como fazer com que os dispositivos móveis, como celulares e tablets, deixem de ser vilões para se tornarem aliados do ensino.

Como é possível observar, o texto do estudante constrói suas ideias a partir da relação semântica estabelecida entre os recursos linguísticos tomados na situação comunicativa. Para esta produção textual foram discutidas abordagens acerca do tema proposto para construção do texto. Durante a aula, discutiu-se a presença do celular em sala de aula e os seus impactos no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, os alunos tiveram de levar em consideração as eventuais vantagens e desvantagens percebidas com o uso de dispositivos móveis nos espaços educativos. Considerando esse contexto, os estudantes adotaram um ponto de vista e a partir dele puderam escrever sobre o tema. No plano do texto, o estudante apresenta informações que são reativadas durante o percurso textual. Vale destacar que não houve nenhuma correção ortográfica e gramatical no material analisado. Preferiu-se manter tudo como foi feito pelos estudantes durante as aulas.

No texto 1, observa-se, primeiramente, o entrelaçamento linguístico e semântico, que são responsáveis pela realização dos mecanismos de coesão acima apontados. O termo *desafios* é retomado no texto pelo pronome possessivo *deles*, o que caracteriza o mecanismo de referência. O pronome *deles* funciona também como caso de substituição gramatical, pois retoma *desafios*. Por meio do mecanismo de substituição, o produtor do texto favorece a progressão textual, pois promove o que Antunes (2005) chama de “percurso do texto” A expressão *uso de smartphones em sala de aula*

opera a substituição e atua semanticamente no lugar ocupado, em primeiro plano por *desafios*, e em segundo plano por *deles*.

Koch (2004, p. 19) aponta, ainda, seguindo Halliday e Hasan (1976), que a referência ocorre situacionalmente (exofórica) e textualmente (endofórica). Nas palavras da autora, “a referência é exofórica quando a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa, isto é, quando o referente está fora do texto; e é endofórica, quando o referente se acha expresso no próprio texto”. Na imagem abaixo, Koch explica a construção das redes referenciais no texto:



Fonte: Koch, 2004, p. 19.

Figura 2 – Tipos de referência

Outro fator responsável pela manutenção da coesão é a substituição, a qual, segundo Fávero e Koch (2007) “consiste na colocação de um item no lugar de outro(s) ou até de uma oração inteira. Pode ser nominal (feita por meio de pronomes, numerais, indefinidos) ou de nomes genéricos (hiperônimos) como coisa, gente, pessoa, criatura”. (FÁVERO; KOCH, 2007, p. 41). Já a elipse ocorre quando, no processo de construção textual, se opta pela omissão de determinado item lexical que pode ser recuperado por meio da observação do contexto. Trata-se, conforme Fávero & Koch (2007, p. 42), de caso de substituição por zero (Ø). Pode ocorrer a elipse de elementos nominais, verbais e, mesmo, de orações”.

É possível notar algumas semelhanças comuns às noções de referência, substituição e elipse. A esse respeito, Fávero & Koch (2007, p. 42) apontam que:

Poder-se-ia dizer que a substituição é um tipo particular de referência e a elipse, um tipo especial de substituição. A distinção entre substituição e referência é aquela que é uma relação mais gramatical (nível da palavra), enquanto a referência é mais semântica (nível do significado). Já no caso da elipse, deixa-se de dizer alguma coisa que fica, portanto, subentendida. Esses três fatores, até então estudado no nível intrafrasal, passam a ser examinados por Halliday (como também por outros linguistas) no nível interfrástico.

No plano da conjunção, as relações coesivas são estabelecidas pela relação dos elementos conjuntivos, os quais são responsáveis pelas amarrações das porções que constituem o texto. “Os principais tipos de elementos conjuntivos são: advérbios e locuções adverbiais; conjunções coordenativas e subordinativas; preposições e locuções; itens continuativos como daí, então, a seguir etc.” (FÁVERO; KOCH, 2007, p. 43).

No texto 1, em análise, o estudante constrói as redes referenciais por meio da referência textual endofórica, pois os elementos de referência estão expressos no texto. No segundo parágrafo, para tratar das ações que são empreendidas no enfrentamento do desafio anunciado na abertura do texto (o uso de smartphones em sala de aula), o produtor do texto introduz a expressão *a primeira iniciativa adota é proibir os aparelhos*, que mais adiante é retomada pela expressão *O tema*. Tem-se, portanto, uma referência nominal anafórica, pois o elemento de referência é reativado no texto retrospectivamente, ou seja, sua remissão se dá para trás.

Em qualquer texto a coesão referencial será responsável por estabelecer a sequência subsequente dos elementos linguísticos responsáveis pela produção de sentido. Os recursos de coesão textual “são elementos da língua que têm por função precípua estabelecer relações textuais” (KOCH, 2004, p. 15). Cada elemento desempenha uma função que resulta na unidade significativa que é o texto. Os elementos que remetem a uma sequência do texto são chamados de catafóricos. Por outro lado, aqueles recursos que fazem referência a

um enunciado anterior são denominados de anafóricos. Existe ainda um conjunto de mecanismos responsáveis pelas relações de sentido entre os enunciados ou partes de enunciados, tais como: oposição ou contraste; finalidade ou meta; consequência; localização temporal; explicação ou justificativa; adição de argumentos ou ideias (KOCH, 2004). De acordo com Koch “é por meio de mecanismos como estes que se vai tecendo o ‘tecido’ (tessitura) do texto. A este fenômeno é que se denomina coesão textual” (KOCH, 2004, p. 15). A autora define coesão referencial como “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro, denomino forma referencial ou remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referente textual” (KOCH, 2004, p. 31).

Com base nessa definição, o universo textual se desenvolve a partir dos elementos referenciais que produzirão as “amarras” textuais e os significados, ou seja, cada elemento depende da função do outro para que o texto tenha um prosseguimento e uma lógica. A forma referencial é o elemento que produz a referenciação. Por seu turno, o elemento de referência funciona como o tema da referenciação.

De acordo com Neves (2016b) existe, no processo de língua em uso, uma negociação entre os participantes de um discurso, que escolhem, no jogo discursivo, as peças linguísticas que constituem a existência do texto. Desse modo, o recurso da referenciação é considerado para além da mera organização linguística na superfície do texto. Nessa acepção, a referenciação constitui-se como importante elemento regulador e responsável pela construção da cadeia textual e da progressão efetiva do texto. A cadeia textual é construída por objetos de discurso, isto é, pelas “entidades que constituem termos das predicções, entidades oriundas e uma construção mental” (NEVES, 2016b, p. 75).

Considerações finais

A análise da coesão referencial em perspectiva funcional indica que a atividade de elaboração de textos é o resultado de um processo de integração de elementos que estruturam os encadeamentos linguísticos na superfície do texto. Assim, ao se tratar da operação dos mecanismos referenciais assume-se a ideia de Halliday acerca do caráter semântico da coesão. Para além da pura organização linguística, esse recurso de textualidade mobiliza significados e eventos que se instanciam pela operação do sistema e se manifestam textualmente.

Considera-se, com base nestas análises, que a adoção do pressuposto de língua como escolha nos processos de reflexão e análise das cadeias textuais em suas montagens referenciais reafirma o caráter discursivo dos recursos que constroem os significados textuais. No âmbito do ensino de língua, o desenvolvimento de práticas de análise textual focadas no uso funcional da língua reestrutura e redimensiona as reflexões sobre a linguagem, que é continuamente tomada para a elaboração de significados.

No âmbito das investigações propostas por essa pesquisa, cabe destacar o papel da análise linguística no exercício de incorporação dos fundamentos da Linguística Sistêmico-Funcional no estudo dos textos nas aulas de Língua Portuguesa. Como sugestão teórico-metodológica, a prática de análise linguística tem a função de mediar as atividades de reflexão sobre o funcionamento da linguagem em textos. Assumindo uma concepção de linguagem consciente das relações entre língua e contexto de produção linguística, bem como entre texto e função sócio-comunicativa, a análise linguística configura-se como uma importante ferramenta a ser adotada pelos professores de língua materna, pois, além de garantir a adequada verificação dos fatos da língua em texto, constitui-se também como “parte das práticas de letramento escolar, [...] com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura/escuta, de produção de textos orais e escritos e de análise e sistematização dos fenômenos linguísticos” (MENDONÇA, 2006, p. 208).

Dentro dessa abordagem, portanto, a materialidade do texto foi usada como uma entidade comunicativa situada sócio-

historicamente, em que sua estrutura textual é observada a partir de seus aspectos gramaticais, textuais e semânticos. Com esse direcionamento foi possível identificar que os alunos são usuários competentes de sua língua e que são capazes de produzir textos adequados a qualquer situação de comunicação.

BRITO, J. N. O texto em perspectiva sistêmico-funcional: uma análise da coesão referencial no ensino de língua portuguesa. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 480-501, 2019.

THE TEXT IN A SYSTEMIC-FUNCTIONAL PERSPECTIVE: AN ANALYSIS OF REFERENTIAL COHESION IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING

ABSTRACT: This work observes that the fundamentals of Halliday's systemic-functional linguistics improve the metalinguistic conscience of students, since this theoretical approach rules the function of the linguistic elements and their effects on the construction of the total meaning of text. The investigation about the resource of referential cohesion on educational texts, by linguistic analysis, potentiates the processes of reflection on the functioning of language in its units of use.

KEYWORDS: Referential cohesion; linguistic analysis; functionalism.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, I. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. 1. ed. - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.
- GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- HALLIDAY, M. A. K. et al. *As ciências linguísticas e o ensino de línguas*. Tradução de Myriam Freire Moreau. Petrópolis: Vozes, 1974.
- KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp. 199-226.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.
- _____. A gramática de usos é uma gramática funcional. *ALFA*, Revista de Linguística (Fundação para o desenvolvimento da UNESP). São Paulo, 41 (n. esp.), p. 15-24, 1997b. Disponível em:
- MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 18, n. 1, p. 480-501 498

BRITO, J. N. de

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/297/showToc>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

_____. O texto na teoria funcionalista da linguagem. In: BATISTA, R. de O. (org.). *O texto e seus contextos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016a, p. 93-102.

_____. *Texto e gramática*. 2. ed., 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2016b.

VAL, Maria da Graça Costa. . *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VILELA, M.; KOCH, I. G. V. *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso*. Lisboa: Almedina, 2001.

ANEXO(S)

TEXTO 1 07.04.36

Atividade

1. Vantagens e desvantagens de uso de celular na sala de aula.

Vantagem	Desvantagem
1 ^o As vezes que nós temos que trabalhar de celular que podem ser importantes de aula que tem pessoal alguma pessoa da família usam também. Que os alunos não abatem.	1 ^o Tem pessoas que não sabem usar na sala de aula que tem pessoal que usam também. Que os alunos não abatem.
2 ^o As atividades que quando agente tem que fazer de celular para fazer cálculos de outros.	2 ^o É falta de atenção nos alunos que não vão para a escola que não vai para a escola.
3 ^o Fazem pesquisas na internet com celular para ver as horas.	3 ^o Os professores também usam para fazer pesquisas com alguns professores.

Redação: Tema: Uso de celular na sala de aula de 07-04-36

As novas Tecnologias trouxeram diversos desafios para os professores, e o principal deles é, certamente, a forma de lidar com o quase inevitável uso de smartphones em sala de aula. O poder de interatividade e engajamento das plataformas e funcionalidades dos celulares inteligentes fazem com que os professores se sintam impotentes para competir com os recursos tecnológicos.

Neste sentido, a primeira iniciativa adotada é sempre a de proibir os aparelhos no ambiente escolar, fato que quando

TEXTO 1

conforto entre os estudantes, que estão muito acostumados a conectividade. O tempo vem sendo utilizado com restrição na maior parte das escolas, e prioridade é dada sobre como fazer com que os dispositivos móveis, como celulares e tablets, deixem de ser vilões para se tornarem aliados de ensino.

No Brasil, ainda existe um senso comum de que a tecnologia e o uso de celular em sala de aula são inimigos da educação. Educadores tradicionais são unânimes ao afirmar que os novos meios tornam os alunos mais dispersos e atentos. Portanto, há de se debater as formas de introdução das novas tecnologias em sala de aula.

Existem algumas possibilidades para aplicar os smartphones de maneira pedagógica dentro das instituições de ensino. Os aparelhos podem ser usados para manter a atenção de alunos e também para torná-lo protagonista na construção de conhecimento.

Os recursos dos aparelhos, como câmeras, acesso à internet e gravadores de voz, podem, por exemplo, ser aplicados em trabalhos que envolvam a análise crítica de temas da atualidade, por meio de reportagem, jornalísticos reiculados na mídia impressa, eletrônica e televisiva.